

UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO BEM

Jéssica Karoliny Brito da Silva (Programa de Iniciação Científica, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Katia Regina Mikuni (Programa de Iniciação Científica, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: jessica.kbs@hotmail.com

Ao longo da história da espécie humana, a extensão da maldade se mostrou ilimitada e muitas pesquisas foram realizadas na tentativa de compreender a natureza desse fenômeno. Destoando dessa tendência, estudos mais contemporâneos têm focado a bondade como tema de análise, salientando a capacidade humana para praticar ações éticas. Skinner oferece contribuições significativas para a compreensão do bem, pois rejeita uma concepção essencialista e define os comportamentos bons no âmbito das contingências. Sendo assim, esta pesquisa, de natureza conceitual, objetiva discutir uma concepção de bondade na perspectiva skinneriana. Para tanto, este estudo foi dividido em duas etapas: (1) Definição de bondade para Skinner; (2) Interpretação da bondade em termos de contingências. A bibliografia utilizada envolveu textos skinnerianos que tangenciaram uma discussão sobre ética, moralidade e bondade. Esse material foi sistematizado por meio de fichamentos de transcrição e de resumo informativo. No que concerne à primeira etapa do método, os resultados desta pesquisa apontam que, para Skinner, a bondade é um comportamento. O comportamento bom não resulta da manifestação de uma essência benevolente, nem de um sentimento de compaixão, uma predisposição emocional, tampouco de um bom caráter. Também não é determinado por um senso de moral ou de ética inerente à natureza humana, um saber imanente do que é certo ou errado. No contexto das relações sociais humanas, o comportamento bom é uma relação entre indivíduo e mundo, modelada pela cultura e que produz reforçadores para outros, de forma a influenciar e controlar o comportamento deles para que sejam livres do controle aversivo. A segunda etapa do método, por sua vez, aponta para algumas variáveis que atuam na manutenção desse comportamento e que estão relacionadas ao comportamento social, controle pessoal e controle grupal. No que concerne às variáveis relacionadas ao comportamento social, essas podem produzir uma grande quantidade de reforçadores que mantêm tais comportamentos e, a depender de como as contingências estejam organizadas, o comportamento bom de um indivíduo pode servir como uma importante fonte de estimulação para outros. No que diz respeito ao controle pessoal, o comportamento ético de um indivíduo pode consistir em variáveis que alteram o comportamento de outros e essas alterações, por conseguinte, podem resultar em consequências reforçadoras para o próprio indivíduo que se comporta. Ademais, no que se refere ao controle exercido pelo grupo, esse pode manipular variáveis especiais que geram tendências para o indivíduo se comportar de uma forma boa, que resulte no reforçamento do comportamento de outros. Sendo assim, a bondade é um comportamento, mantido por contingências sociais e voltado para o bem dos outros, de forma a produzir reforçadores para eles. Tal concepção é importante, pois possibilita uma compreensão da natureza social da bondade e uma reflexão sobre as possibilidades de o ser humano evitar práticas que prejudiquem os demais. Com base nela, pode-se combater teses que entendem a benevolência como característica de indivíduos privilegiados ou a sociedade como inerentemente má, bem como torna-se explícita a necessidade de se fomentar discussões a respeito das contingências sociais que poderiam favorecer a prática do bem.

Palavras-chave: Comportamento bom. Contingências sociais. Análise do Comportamento.